

“O Tempo e a Memória”

Obama soma e segue

por Mário Soares

1. Barack Obama está a revelar-se um fenómeno político excepcional, de uma luminosidade crescente no ambiente cinzento da sociedade americana. Depois das vitórias no Maryland, em Washington DC, na Columbia e na Virginia, suplantou, em número de delegados, a sua rival democrata e, antes, favorita, Hillary Clinton. Segundo as sondagens recentes parece ser o único candidato democrata capaz de vencer o republicano McCain, também ele uma surpresa. Quem tal diria, entre os comentadores encartados, há uns meses atrás?

Hoje é visto com total naturalidade - e mesmo esperança - ser um afro-americano a ocupar a Casa Branca. Mesmo pelos americanos brancos e anglo-saxões, a classe tradicionalmente dirigente do “melting pot” dos Estados Unidos. E mais: um afro-americano que, na linha do grande Franklin D. Roosevelt, quer mudar tudo na política americana, na ordem externa e interna, regressar ao intervencionismo do Estado na economia, segundo os ensinamentos de Keynes, para superar a recessão instalada, e voltar ao idealismo pioneiro americano, em favor da paz - e reforço das Nações Unidas - no estilo de Woodrow Wilson, Roosevelt e mesmo Kennedy.

Há ainda grandes obstáculos a vencer. Como as eleições no Texas, por exemplo. Mas foi criado um novo dinamismo político e social, na sociedade americana, nomeadamente entre a juventude e a intelectualidade. O melhor das Universidades americanas está com Obama. É um excelente sinal!

2. Timor. Na semana passada, uma vez mais, os corações portugueses bateram por Timor. Com grande preocupação e unanimidade. Tratou-se de um golpe de Estado, como as primeiras notícias anunciaram? Não chegou a ser tanto. Felizmente. Foi uma tentativa tresloucada de um duplo assassinato: de Ramos Horta, Presidente da República e de Xanana Gusmão, Primeiro-Ministro. Ambos frustrados, felizmente.

Ramos Horta ficou gravemente ferido. Foi salvo pela oportuna intervenção da GNR portuguesa e por uma equipa do INEM. Trasladado de urgência para um hospital australiano está a recuperar, lentamente. Xanana foi, ao que parece, ferido de raspão mas ficou perfeitamente apto - como provou - para poder controlar a situação. O estado de sítio, por ele decretado, foi acatado. As instituições democráticas funcionaram exemplarmente: reuniões do Conselho de Estado e do Conselho de Segurança e de Defesa, votação no Parlamento. A situação está agora calma. Xanana Gusmão justificou no Parlamento a prorrogação do estado de emergência com as seguintes palavras: “é do interesse do Povo para que possa viver em paz e normalidade”. Os timorenses demonstraram ser democraticamente adultos.

Xanana é o líder da Aliança para a Nova Maioria, o segundo partido político de Timor. Os timorenses, com esta crise, terão compreendido - esperemos - que a violência, em democracia, não resolve nada. Só complica. Timor um país pobre e com uma população que passou - e passa ainda - grandes dificuldades tem, contudo, grandes recursos inexplorados e petróleo. Tem, portanto, um grande futuro à sua frente. E tem sido - e é - um exemplo para a comunidade internacional. Confie, pois, no Povo, na experiência acumulada e no seu bom senso. Os portugueses, unanimemente, são hoje solidários desse Povo, que tanto admiram e respeitam.

3. A Austrália em mudança. A Austrália, cujas relações com Timor, desde a independência e o aparecimento de petróleo, têm sido complexas, está também em mudança. Desde a substituição há poucos meses do antigo presidente do Governo, John Howard, bastante conservador, nomeadamente em política externa, pelo actual, Kevin Rudd, trabalhista, muito mais arejado. Anunciou a retirada das tropas australianas do Iraque e resolveu, simbolicamente, pedir perdão, aos aborígenes australianos, em acto de contrição público e emocionante, pelos massacres e discriminações de todo o tipo, de que foram vítimas, desde a chegada em massa, a partir do século XVIII, das populações brancas ditas civilizadas.

Muitos poderão pensar que um tal acto, para mais extremamente mediático, não resolve nada nem em relação ao passado - os mortos não ressuscitam - nem ao futuro. Não penso assim.

Tratou-se de atribuir uma nova dignidade a uma população longamente oprimida, discriminada e sofredora. Não é pequena coisa. Cria condições para um novo relacionamento, no futuro, entre todos os habitantes da Austrália – o que é importantíssimo – e tem consequências benéficas, para além da própria Austrália. Em Timor, por exemplo. No relacionamento respeitoso da soberania de Timor que a Austrália necessariamente vai ter com aquele território vizinho.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 2008